

Assine/Anuncie: O RelevO

não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O RelevO recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos O RelevO recebe ilustrações. O RelevO recebe fotografias. O RelevO aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações desta edição são de autoria de Gilberto Marques. Você pode conferir mais do trabalho dela em <instagram.com/gilberto casa marques>.

DOS CUSTOS DA VIDA

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:

R\$ 300 Alexandre Guarnieri; R\$ 200 Rodrigo Gonçalves; R\$ 150 Marina Domingues; Gabriela Guerra; R\$ 120 Rômulo Cardoso; Sonia Prota; Flavio Henrique Bertoldi da Silva; R\$ 105 Lindevania Martins; Léo Rachid; R\$ 100 Diana Hilton; Paloma Bernardino Braga; André Klojda; Karina Constancio Sanitá; Valentina Molina; Gabriela Alves; Caio Ocke; Fernanda Dante; R\$ 80 Paulo Rubens Lacerda; Rozana A. Gastaldi Cominal; Rita Apoena; João Dusi; R\$ 75 Rafael Zaina Gonsalves; R\$ 70 Rafael Aggens; Quinho Castro; R\$ 60 Luiz Arthur Montes Ribeiro; Massilon Silva; Fabiano Klostermann; Camila Passatuto; Jair Barbosa; Eduardo Pereira; Luiz Carlos da Silva; Marina Marques Simão; Clóvis Severo Brudzinski Junior; Lorena Nogaroli; Alanna Ajzental; Crislaine Medeiros; Guilherme Knopak; Sandro Dalpícolo; Rodolfo Branco; Bruno Figueiredo; Marcio Faria; Cassia Rosa dos Santos; Maria Clara Aquino Damasceno; Cassia Cassitas; Andréa Mascarenhas; Cardial AV; Angela Dondoni; Lilian Velleda; Lilian Guinski; Marcos Monteiro; Marco Aurélio de Souza; Antoniele Luciano; Patrícia Gimenez; Samita Barbosa; Julio Filho; Leandro Pileggi; Rafaella Sabatowitch; Fernando Miller; Marília Saenger Santos; Fernanda Cercal Odppes; Luize Ribas; Cristiane Tolomei; Marcia Pfleger; Sarah Magalhães Arruda; Alisson Caetano; Monalisa Almeida Cesetti Gomyde; Eduardo Furlan; Ana Claudia Maba; Taiane Basgalupp; Wagner Teixeira; Poliana Speransa; Artur Ribeiro Cruz; Leonardo Migdaleski; Michel Souza; Luigi Ricciardi; Hertz Wendel de Camargo; Carvalho Júnior; Yasmin Bidim; Giovana Proença; Arthur Vieira Viana; Matheus Chequim; Bruno Soares Freire de Carvalho; R\$ 57 Silvio Severino; R\$ 55 Cassiano Rodrigo de Oliveira; R\$ 50 Jaqueline Bohn Donada; Julia Raiz R\$ 47 Ivan Jesus Junior; Camila Asato; Alana Lima; R\$ 30 Márcia Seabra; R\$ 25 Luísa Tompson **TOTAL: R\$ 6.593**

ANUNCIANTES:

R\$ 300 Allejo; R\$ 120 Rômulo Cardoso; R\$ 100 Editora Penalux; R\$ 60 Nanna Ajzental; Cel Bentin; R\$ 50 Livraria Pará.grafo; Gato Preto Livros; R\$ 30 Sebo Edipoeira TOTAL: R\$ 770

(-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 883 Escritório: R\$ 230 Entregadora: R\$ 60

Autores e ilustradores Janeiro: R\$ 440 Autores e ilustradores retroativo: R\$ 300

Editor: R\$100

Editor-assistente: R\$ 300 Serviços editoriais: R\$ 300 Mídias sociais: R\$ 250 Diagramação: R\$ 100 Infografia: R\$ 60

(–) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 400 **RelevO**Móvel 5/5: R\$ 1.000 Correios: R\$ 1700

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 30

(+) Entradas totais: R\$ 7.363 (-) Saídas totais: R\$ 7.323

(=) Resultado operacional: **R\$ 40**

Fevereiro/2021

Editor: Daniel Zanella

Editor-assistente: Mateus Ribeirete

Ombudsman: Osny Tavares Revisão: Às Vezes

Projeto gráfico: André Infografia: Bolívar Escobar Advogado: Bruno Meirinho

OAB/PR 48.641

Impressão: Gráfica Exceuni

Tiragem: 3.000

Edição finalizada em 27 de janeiro de 2021

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri Bruno Meirinho Celso Martini Cezar Tridapalli Morgana Rech Felipe Harmata Jacqueline Carteri Osny Tavares Whisner Fraga

DOS LEITORES

AÍ SIM

Brunna Gabardo Oi, tudo bem? Nunca fui uma boa crítica, sempre pedi para que fosse criticada. Nunca me senti no direito de julgar ninguém. Mas me joguei nessa descoberta acidental, e vou tentar improvisar. Imagino as centenas de textos, poesias e palavras que chegam para vocês, e imagino também a felicidade em descobrir pessoas, não-nomes, que caminham por certas ruas, e que ninguém faz ideia do amor que têm pela palavra escrita. Me sinto honrada de fazer parte do "ecossistema literário" de que mencionam no editorial. Uma estudante de jornalismo que gosta de flagrar as palavras em sua rapidez, fluidez e estupidez, que nem vocês. Presto meus sentimentos aos olhos dos outros sonhadores, escritores. Compreendo perfeitamente os "nãos" que as pessoas recebem, e também sua indignação. Sei como é difícil insistir em si mesmo e no seu trabalho, após tantas recusas, não é fácil. Assim como qualquer escritor, artista, produtor, ou qualquer um que vive pela arte e por sua liberdade, cada um deve compreender que a arte vai encontrar seu caminho, se for feita com amor. Então precisamos de paciência, é isso. Mas acabei de finalizar a leitura do periódico, e a primeira coisa que posso dizer é que estou encantada com o trabalho de vocês. Digo isso de escritora para escritor, editor, diagramador, assistentes, e todos os outros. Ressalto os parabéns! Nunca pensei que fosse possível a construção de um jornal com poesia. E é uma das coisas mais incríveis que vi nos últimos tempos. A poesia corre por mim como o ar passa pelos meus pulmões, e é tão bom sentir isso nas páginas de um jornal! Achei simplesmente genial incluir as críticas dos leitores no periódico, principalmente de forma crua, pele na pele. Adorei as ilustrações (minha favorita foi a do "erro de digitação", mas a da capa também está linda!). Adoro falar das coisas boas que vejo, então já peço perdão pelo tamanho do texto. Admito que sou nova no ramo. Tenho apenas 20 anos, sem nenhum texto publicado (além de um texto confirmado em um livro-reportagem da faculdade, o que já é um começo), e sei como é difícil cair de paraquedas num jornal, numa revista, ou num livro. Meu consolo sempre vai estar no papel e na caneta, e sei que eles vão me esperar. Obrigada por me lembrarem de que ainda tenho

tempo para escrever. Então, deixo minha "crítica", obrigada pela atenção!

Alvaro Nunes O RelevO é um jornal à frente de seu tempo, circulando num terreno minado onde se bombardeiam duas de suas principais qualidades, inteligência e liberdade. Seu formato fisicamente palpável faz o leitor escapar dos lugares-comuns e da mediocridade de estimular rivalidades nada criativas. Instiga a malícia do sorriso, a vontade de pensar, de fazer algo diferente daquilo que pretende nos enterrar vivos. É um jornal especial porque não se mostra de todo ao leitor, sem antes gerar um sentimento, qualquer que seja. É preciso pensar, entender, ler de novo. Lembra aquela imagem enfumaçada de uma perna bem torneada de mulher, vestindo salto alto, mostrando-se até a altura do joelho, o restante escondido atrás de um biombo vermelho de veludo? Se quiser ver tudo, arrisque-se.

TOMAR NO GUGÁ

Isadora Maria Olá, estava lendo a edição de janeiro do RelevO e li o comentário do Adriano Besen "não mexam no meu Guga", na parte Dos Leitores. E só queria dizer para o tal do Adriano: vai tomar no meio do seu cu, sulista arrogante do caralho! Agradeço desde já (:

Paulo Ricck Tranquilo, pessoal? Recebi a edição de dezembro. Venho agradecer pelos poemas do "seu Orides" da edição, pois com eles me veio concursos e provas da faculdade na cabeça e eu comecei a tremer de nervoso lembrando dos piores anos da minha vida, uma sensação que não era experimentada há tempos. Meu muito obrigado ao editor. P.s.: Isso não significa que deixarei de ler o periódico.

Anônimo Prezados, boa noite! Neste fim do dia estou finalmente lendo a edição de setembro, que comemora os dez anos do jornal. Não vou me delongar, pois já é "tarde". Logo no início do jornal vejo uma nota de que o RelevO perdeu um assinante por conta da publicação do texto da Greicy Bellin. Bem, alguns apontamentos que gostaria de compartilhar com vocês, de forma anônima, caso venham a publicar este comentário. E o anonimato se faz necessário por questões óbvias de proteção tanto virtual, quanto física e cultural (sou escritor e não desejo ser

"cancelado"). Eis os comentários: 1. O texto é ótimo! Muito bem escrito. Apesar de não concordar com todos os pontos, ainda assim reconheço e enalteço o seu valor.

2. Ele é sim um cutucão na esquerda brasileira, que hoje domina áreas importantes da sociedade, como a cultura, a mídia, a academia (universidade), etc. Se isso é bom ou ruim, basta vestir a carapuça e ver se ela lhe cai bem.

3. O texto fala sobre a cultura do cancelamento, tão fortemente praticada em nossa democracia livre (eis o paradoxo). Para mim, o exassinante que decidiu, por conta de um texto que vai contra o seu pensamento, cancelar sua assinatura do jornal, e, além disso, classifica o texto como de "direita-fascista", só reforça ainda mais o que foi mostrado no próprio texto que motivou esse rompimento. Além disso, mostra claramente a intolerância que possui este ex-assinante quando da sua exposição a pensamentos divergentes do seu próprio. Ou seja, ele cancela o que ele não quer ler/ver. Tenho certeza que essa pessoa prega arduamente nas redes sociais os valores democráticos, os valores da livre expressão, a imprensa livre e o debate democrático. Eis, portanto, o paradoxo. 4. Ao classificar o texto como de "direita-fascista", o ex-assinante só consegue mostrar duas coisas: que não sabe o que é o fascismo moderno (o do século 20), e que é apenas mais um dos papagaios da militância políticoideológico-partidária que tanto fazem barulho hoje em dia, utilizando termos como "fascista" àqueles cujo pecado mortal é possuir diferentes opiniões das que os seus gurus apresentam como sendo as corretas. 5. Veja que em momento algum disse

meu posicionamento político, o que, neste caso, se faz desnecessário (mas vale dizer que não votei no Bolsonaro na última eleição). Dito isso, somente consigo, como leitor árduo e exigente do RelevO, desejar e incentivar mais publicações como está que a Bellin escreveu, que, além de esta ter forma e linguagem (quase) impecáveis, apresenta um conteúdo que instiga a reflexão e causa incômodo, como vemos claramente por meio desse exemplo deste ex-assinante. No mais, parabéns pelo jornal. Mesmo tendo uma "curva bem determinada", uma tendência clara, ainda assim se faz um jornal plural de opiniões e realmente democrático nas publicações, sem precisar cancelar (omitir/desqualificar) este ou aquele texto simplesmente pelo seu teor e

tendência. E viva a real democracia e a livre opinião!

Bruno Soares Quero deixar meu testemunho sobre os textos do Algum Lucas, grata descoberta desse ano, espero um dia ver reunidos em livro esses textos. E também espero descobrir mais novos autores de linguagem afiada em 2021. Um abraço e força, Jornal!

PAGAMENTOS AOS AUTORES

Coletivo Discórdia Ainda que seja um valor simbólico, é sempre bom ver uma publicação literária impressa pagando um cachê aos autores.

Fernanda Dante A remuneração não é estupenda, mas no ambiente literário o estupendo é remunerar.

Catharino O Jornal fez uma entrevista com o Itamar Vieira Jr., autor do livro *Torto Arado*, e eu gostei muito das respostas.

Nanna Ajzental O **RelevO** me faz acreditar na literatura.

Lisley Nogueira Capas sempre espetaculares! Nossa! Parabéns.

COMPANHIA

Nara Caldeira Posso ser meio ridícula de associar essa foto sensuellen com o Dia do Leitor. Acho que posso! Primeiramente, porque a literatura tem essa capacidade de nos transportar e fazer sentir, por que não?, sensuellen?! Segundamente porque as pessoas se afastam da leitura por acreditarem existir um perfil de quem lê. E isso não existe. Não deveria existir. Temos mil faces, assim como um personagem bem criado, com nível de complexidade bem desenvolvido. Deveríamos abraçar as nossas incongruências. Terceiro, para fazer propaganda de um projeto. O RelevO. É um jornal literário de produção independente. Contém crônicas, artigos e poesia. É um projeto gráfico lindo. E me fez muita companhia nesse período de isolamento também. Foi e tem sido uma experiência muito bacana apoiar financeiramente com o que posso os projetos nos quais acredito. Leiam, amigos. Cuidem-se. Apoiem produtores independentes. E sintam-se confortáveis com quem são.

Rafael Moia Não poderia terminar o ano sem ter a felicidade de ler a edição de dezembro do periódico literário independente **RelevO**. Não menosprezando os demais escritores desta edição. Mas que ensaio foi esse do Algum Lucas? Fiquei entusiasmado com a relação da transcendência virtual como conceito de "videor ergo sum" que o autor aborda. Para além, do ensaio "Simulação 2", não posso deixar de mencionar a crônica da Carolina Bataier, "A parapsicologia explica", que vai abordar os desafios do escritor durante a pandemia. Tá, curioso? Você pode conhecer mais sobre o trabalho que o jornal desenvolve assinando sua newsletter: Enclave.

Felipe Gollnick Se eu mandar nudes vocês remuneram também?

Da redação: o sr. pode enviar mais materiais para contato@jornalrelevo.com?

Linaldo Guedes E já que falei de leitura de jornal, chegou hoje o novo número do RelevO. Bela edição, por sinal, com um poema que me encantou muito — da Maria Luiza Machado — e uma entrevista muito boa com o escritor Itamar Vieira Junior, vencedor do Prêmio Jabuti, precedida de uma resenha instigante da Giovana Proença sobre o romance Torto arado, uma das coisas mais bem construídas que li na literatura brasileira recente. "Há histórias que só podem ser contadas por um coro", diz Itamar. Na mosca!

Rita Apoena Chegou hoje, na minha caixinha do correio, o jornal de literatura e arte que eu assino, o RelevO! Chegou hoje uma parcela do mundo inusitada, legitimada pelas tintas no papel: um objeto de arte! Estou encantada com cada detalhe do periódico, mas o dificil é ler com um pouquinho mais de calma, um pouquinho mais devagar. Afinal, ele circula somente uma vez por mês! Aaaah... Por isso, toda hora eu vou lá e leio/vejo só um pedacinho, depois guardo para mais tarde, feito uma criança e seu grande pedaço de chocolate. Ele é feito por e para pessoas que dividem a mesma paixão pela escrita e artes visuais. É também uma forma de nos conhecermos e nos tornarmos parte.

[Enclave #78]

Gabriel Faraco Bom dia. Seguramente a newsletter de vocês é uma das melhores que acompanho! Não perco por esperar 2021 e os textos de vocês!

EDITORIAL

"Só se for colunista"

Um jornal literário (e, acreditamos, qualquer veículo dito cultural) parece seguir a lógica exatamente oposta àquela segundo a qual "eu nunca faria parte de um clube que me aceitasse como sócio". Fatores importantes do ecossistema literário, os jornais e as revistas distribuem a aura de fiador do meio, legitimando pela presença, excluindo pela ausência. Sair em um impresso ou em um veículo que reúne outros escritores e escritoras pode significar a duvidosa ideia de existência em um ambiente, na macroestrutura, com pouca representatividade social. Um periódico de papel existe materialmente, comprobatório. Validação.

Assim como qualquer ser humano, escritores e escritoras se aproximam do **RelevO** para conseguir o que o produto se propõe a fazer. E qual é o nosso objetivo "social"? Publicar. Qual é o nosso objetivo interno? Nos divertirmos. Somos interessantes na medida em que validamos interesses individuais que representam interesses coletivos. Nada de novo no *front*. Não faria sentido termos algum tipo de rancor por nos buscarem por aquilo que justamente nos propomos a fazer.

A relação de interesses é recíproca. Ao recebermos novos textos, jornal-relevador que almejamos ser, estamos atrás daquele primeiro publicado, do texto surpreendente, da novidade que não venha do brejo da cruz. Naturalmente, esse fluxo não é simples e nem sempre evitamos o conflito, afinal em toda parte há pedras na estrada.

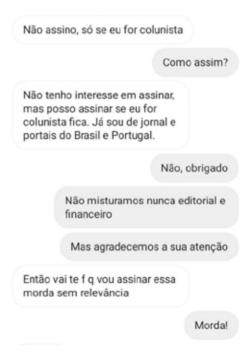
Um fator em especial tensiona a relação entre o periódico e os interessados em publicar conosco: a assinatura. *A priori*, escritores e escritoras são potencialmente clientes do nosso veículo, que se sustenta em quase 80% com a arrecadação das assinaturas. Abordamos possíveis assinantes e somos abordados para que, mensalmente, entreguemos o nosso produto: um jornal de literatura resultante de escolhas subjetivas. Consideramos lógico que aqueles que praticam a literatura sejam os mais interessados em acompanhar um periódico de literatura.

A publicação em nossas páginas *vs.* a assinatura do periódico gera muitas reações, do escritor (geralmente é homem mesmo) que nos assina com a expectativa de que isso gere facilitação no processo editorial de seleção ao jogador mais indecoroso mesmo: "o Jornal não me interessa, mas se meu nome aparecer aí…". Eu ganho, nós empatamos, vocês perdem.

Em linhas gerais, o percurso do interesse mais baixo nos incomoda porque:

- 1. Nos tornamos apenas um motor da vaidade alheia.
- 2. A partir dessa vaidade, o egocentrismo rasteiro é empacotado como apoio à cultura/leitura/literatura etc. Quando conveniente, isto é, depende quem sai no Jornal.
- 3. Nos sentimos desvalorizados por acharmos que somos um bom produto (por si só, não como coleta de esmola) e que deveria ser óbvio que financeiro e editorial são esferas distintas. O que, por sinal, só escancara a falta de profissionalismo do meio (que adora reclamar da falta de profissionalismo).
- 4. Deixa o publisher, responsável pela maior parte dos contatos comerciais, vulnerável, aborrecido e, portanto, menos divertido.

Ademais, as cabeçadas correspondem a uma parcela pequena das interações gerais. Seguimos testemunhando – ou melhor, acarretando – belíssimas situações, como o carinho da torcida (neste caso, carrinho da torcedora) que você pode conferir a seguir:



Boa leitura a todos!

OMBUDSMAN 5

Osny Tavares

Coisas para salvar do fim

Não sei por quê, mas ultimamente andamos meio apocalípticos, escolhendo o que retirar das chamas. Afinal, a literatura é meio que um pensamento que salvamos do comum. Diante do tanto que estamos sentindo nesse período, e da impossibilidade de significar tudo agora, fazer este jornal demanda um apuro especialmente sofrido a respeito do que registrar e comunicar.

Pois um impresso pode ser um back-up da nossa produção incessante de informações. Aqui, estamos a salvo da superindexação e de tudo o que a acompanha. Não precisamos temer a má interpretação dos algoritmos, nem vigiar contra a turba de revoltosos à procura de um alvo.

O RelevO é um ambiente confessional.

A pandemia, por certo, afetou a tudo lá fora e aqui dentro. As etapas de produção e distribuição vêm segurando a bola no campo de ataque, e o conteúdo tem sustentado o jornal em sua fase madura, com uma miscelânea de novos e consagrados, lançamentos e registros históricos.

O Grande Fato de Nosso Tempo tem aparecido por aqui apenas ocasionalmente. Isso não é uma coisa nem boa, nem ruim. Talvez precisemos, mesmo, que o tempo possa realizar sua natural decantação primeiro. Ou então o certo é o oposto: precisamos escrever para nós mesmos, um para o outro, abrir a conversa que necessariamente precisaremos ter pelos próximos anos.

Os processos de produção literária — composição, tradução, crítica — obedecem a um ritmo que pouco mudou desde a invenção da imprensa (desde a invenção da leitura, talvez). Quando a marcha do tempo dá uma guinada súbita, é de forma muito cuidadosa que a arte irá absorver esse espírito. Parecer oportunista é desses medos que ainda não perdemos.

É possível engajar-se em correntes ainda não atadas ou aventurar-se na pretensão de cristalizar uma realidade ainda fervente? O **RelevO** e sua vocação experimental pode ser a rede a nos unir em nosso momento de dúvida.

Há sentido no que dizemos? Como saber sem dizê-lo? Esse é o paradoxo que sempre retorna ao escritor. Também é o deste ombudsman, que pontifica sobre o que desconhece.

APOIADORES











TRÊS SÓIS

WILLIAM SOARES DOS SANTOS

ED. PATUÁ

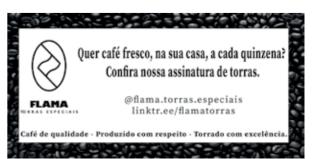
"Com efeito, o livro, dividido em cinco partes, todas abrindo com sugestivas ilustrações e epígrafes de autores consagrados, da antiguidade aos nossos dias, tece uma espécie de arco, que vai do registro de um fenômeno meteorológico inusitado, que ocorre em regiões nórdicas, ao registro inquietante do próprio fenômeno poético, "sem pano para esfinge,/sem sombra alheia". Diante da envergadura desse arco de estranhezas, o autor confessa que "a poesia que escrevo agora/quer apenas/a claridade dos espaços"."

Adriano Espínola









R. Conde do Bonfim, 300, Tijuca

Larissa Adur















DE REPENTE, INCLEMENTE

Johann Heyss

somente a arte afasta a morte
[a maconha acorda quem sonha]
só a canção permite a respiração
[ele tosse sua fumaça seda ativa]

a orquestra jorra imensa do pequeno alto-falante eu persigo a meta do texto alheio enquanto meu próprio texto me corta ao meio

são tão belos os feixes de luz & sombra a noite me quer acordado e o sono me assombra

volto ao cotidiano, incauto do ato acordado pelo voto e esperto feito rima tola e lenta rima que capta e incrementa parecendo um velho conhecido que acabou de lhe ser apresentado os tus, os vocês, os eus, nós todos, um grande o quê fragmentado

como um país que morre baleado à queima-roupa



QUER CONHECER UM POUCO DA LITERATURA PRODUZIDA NO NORTE DO BRASIL?

A **LIVRARIA PARÁ.GRAFO** É ESPECIALIZADA EM ESCRITORES E ESCRITORAS PARAENSES.





A VETUSTA CASA DOS FIRME

Leandro Costa

Zé Firme roncou o fôlego que as constelações lhe roubaram ao se exibirem em caleidoscópio.

Uma estrela, a mais despudorada, devolveu-lhe a língua num tapa que o fez bufar e berrar.

Acalmando a respiração, franziu a testa e pôs a mão abaixo do ouvido direito, tentando suster a guerra que se espalhara pelo enorme território onde siso e corpo nada acordavam.

Na penumbra do quarto, o sol pestanejou as densas cortinas, tentando ajustar as pupilas aos pixels do dia primeiro de abril.

Levantou trôpego, com a vista ainda anuviada, rumou para a cristaleira das cachaças envelhecidas, aplicou uma gota da feroz no buraco do dente e tomou o restante numa talagada, sem fazer careta. O dente ficou bêbado.

Um latejado insistente ainda bateu na porta de cedro de sua casa, um dos solares que residia na parte centenária da cidade. Alguém estava lhe importunando às sete horas da madrugada.

Tentando mover os lábios, pronunciou algumas palavras cerradas:

— Dete.... a porta.

Claudete, a empregada, chegou àquela casa quando os avós dele eram meninos. Tinha a juventude de um vampiro e a surdez de Beethoven. Nenhuma vibração daquele lar lhe escapava. Talvez tivesse ido comprar as coisas do café da manhã.

Desceu, às apalpadelas, a escada que comunicava seu quarto ao hall, estalando os dedos para invocar a ira de Sísifo e Nero, dois demônios caninos que hibernavam no vão abaixo dos degraus.

Espiando pela portinhola, viu dois sujeitos de igual farda, mesmo corte de cabelo e postura padrão. Se não tivesse visto a garrafal logomarca da Prefeitura, teria lhes despachado com a antipatia de sempre.

-Bom dia, senhor. Somos agentes

do Departamento Municipal Predial. Eu me chamo Hans e este é o meu colega Geraldo. Perdoe-nos o horário inconveniente e a forma como batemos à sua porta. Queríamos ter certeza se tinha gente morando na casa.

Abrindo a porta, esperou que os cachorros saíssem para demarcar território e divertir-se com as duas presas. Nenhum dos dois lhe veio em socorro e Geraldo continuou a cantilena oficial.

—Estamos num trabalho de vistoria das edificações mais antigas da cidade e a sua é a primeira da lista por causa da idade do imóvel.

Antes que a porta socasse as ventas dos tucanos, Hans sacou um papel de uma pasta surrada, elevando-o com ar de triunfo:

— Aqui está o mandado de inspeção. Precisamos entrar.

Calado para não acordar o bêbado e disfarçar o bafo, leu o documento, levantou as grossas sobrancelhas, fez um muxoxo e os acompanhou na inspeção da casa, que terminou na cozinha, onde Claudete havia se materializado e preparado um lauto café da manhã.

Uma mesa com ovos caipiras cozidos, cestos com frutas do pomar da casa (pitangas, manga, laranja da terra, goiaba selvagem e uvas), pães caseiros temperados com gergelim e pimenta calabresa, um excelente queijo coalho e café de sombra coado na hora, foi servido aos aspones.

Enquanto assistia a dupla tomar o desjejum, o velho Hans, entre mastigações, perdigotos e farelos de pão, principiou a preleção ao diagnóstico da casa:

— Senhor Firme, esta parte da cidade é uma boca de dentes amarelos e cariados que precisam ser extraídos. Quem chega a São Joaquim é recebido pelo bafo de café e fumo do século passado...

Antes que Hans percebesse o

seu cochilo, foi salvo pelo sussurro sorridente de Geraldo:

— Há dois e saturados anos escuto o chefe comparar as casas desta parte da cidade com dentes. No restante do discurso, a pós-modernidade será comparada aos alvos dentes implantados da avó dele. Deveria ter sido dentista ou político e não agente municipal.

Fitando os dois com um olhar de raiva e vergonha, Hans atalhou para o diagnóstico:

— Este siso caduco tem um teto que vai cair na sua cabeça, rebocos parcialmente caídos, instalações elétricas que ainda vão causar um incêndio e um sistema hidráulico que está enchendo a casa de infiltrações. Por que o senhor ainda mora nessa armadilha?

Cabisbaixo, Zé Firme ficou cofiando o rosário do rosto com a mesma tranquilidade da maré mansa a barganhar com as pedras, na praia que se podia ver da janela da cozinha.

Durante a meia hora do pequeno tribunal de acusações e agouros que se seguiu ao diagnóstico, o advogado da cousa pública viu um rosto de dia limpo e ouviu uma respiração de mar tranquilo.

Com os argumentos ruídos, espraiou os olhos pelos mistérios da casa até encontrar um pai, uma mãe e um menino em várias cenas de vida: o nascimento, o batizado, os primeiros passos, uma troca de dente, o choro do primeiro dia de aula, apresentações infantis na escola, a primeira comunhão e o velório do casal.

Um detalhe fez Hans apurar a vista e cansar a mente, procurando distinguir as formas de um vulto que escorria do teto para as paredes e destas para o piso até desaparecer na sombra de Zé Firme, sentado diante dele na mesma postura do menino da foto.

Passou com força as mãos pelo rosto, esfregou os olhos, tirou o

notebook da pasta e fez uma pesquisa. Os dados do sistema de imóveis e proprietários informaram que o dono tinha trinta e seis anos, herdara a casa dos pais, nunca morara em outro endereço, não possuía outra casa e nunca trabalhara na vida.

Olhando discretamente para o relógio e para o colega, Geraldo interrompeu suas conjecturas e o fez relatar, sem rodeios, a decisão final:

— Aqui está um auto de evacuação urgente. A única coisa que ameniza a sua situação é o fato do velho sobrado estar no centro do quarteirão onde foi construído e não oferecer riscos a outras pessoas e casas. Somente por isso, não vou lhe aplicar uma multa. Mas, se o senhor não respeitar o prazo de saída, vai ter que pagar o preço que vale o terreno.

Fitando-o com gravidade, Zé Firme recebeu o papel, passou-lhe a vista e não conseguiu evitar outro muxoxo.

— Aceite minha sugestão: o melhor que faz é demolir tudo, vender o terreno, conseguir uma boa grana e mudar para um apartamento de muitos metros quadrados na zona nova da cidade. Conte com minha ajuda se precisar.

Geraldo, embora não muito simpático ao colega, endossou, de forma branda, o diagnóstico e a solicitude:

— Sua casa é uma peça fantástica! Sou arquiteto e grande apreciador de casas antigas. Se tivesse uma forma de restaurá-la, trabalharia de graça para o senhor. Concordo com meu colega. Deveria mudar hoje mesmo.

Despedindo-se dele, entregaramlhe seus cartões com contato telefônico, reiterando a oferta de ajuda na mudança, demolição da casa e venda do terreno.

Deixando o rabugento distanciarse, Geraldo chamou Zé Firme à parte e entregou-lhe um objeto inusitado:

— Encontrei esta caixinha

amarrada em um cordão de guizos, pendurado no teto do sótão. Espero que traga boas lembranças ao seu dia.

Revestida de veludo azulmarinho, com formato cúbico e uma abotoadura dourada, a caixinha era leve e tinha tamanho para conter uma jóia pequena e delicada.

Como uma criança que quer prolongar a surpresa do presente, foi abrindo, bem devagar, uma pálpebra e a tampa da caixa.

Suas expectativas foram frustradas ao ver um molar cariado de uma criança. Quem teria guardado tal coisa nojenta? Era costume dos pais, em certa época, conservarem dentes de leite sãos como recordação saudosa dos filhos. Por que guardar um dente cariado?

Letras minúsculas escritas na tampa desafiaram sua curiosidade. Com o auxílio de uma lupa, sorriu ao ler um conhecido ensalmo: mourão mourão pega meu dente podre e me dá meu dente são.

A escrita mostrava que aquela caixinha pertencera a uma criança que o transformara em brinquedo, sem temer a maldição de ter dentes tortos e fracos.

Ocorreu-lhe a ideia de que, talvez, a tenha amarrado ao teto como isca para surpreender o Mourão assim que pegasse a caixa. Há crianças que desejam ver o Papai Noel. Aquela queria ver o temível espírito boticário.

Os adultos que lhe ensinaram a prática do ensalmo deveriam ter dito que o Mourão não aceitava acordos escritos. Um ritual de passagem se faz com firme vontade e palavra jurada.

Olhando a imensidão da enorme sala de estar, percebeu uma presença que enchia toda a casa, usando-a como uma lata de conserva podre prestes a explodir, assim que surgisse qualquer fissura.

Sentiu que, ali, o tempo parecia correr devagar como um remanso de rio: lodento, profundo e misterioso, lugar onde a correnteza aprisiona coisas, seres e passados em um limbo inerte.

Nuvens escuras cerraram o horizonte marítimo da janela e um vento frio rodopiou como uma bailarina no centro da sala, impregnando-a de um perfume marítimo familiar: o de Lúcia. Seus pais nunca o perdoariam se soubessem daquele amor clandestino.

A janela da sala fechou repentinamente, ecoando no vão escuro um estrondo que trouxe-lhe uma melancolia. Chorou até dormir no útero da poltrona de sua mãe.

Foi despertado da tristeza pachorrenta pelo ressacado. De volta à dor da verdade, lembrou que precisava extraí-lo e à casa. O coração palpitou, a boca ficou seca, mãos e joelhos começaram a tremer e um forte desejo de fugir o possuiu.

A joia cariada lhe sugeriu pagar a dívida do ritual. Correu até a entrada da casa, virou de costas, fechou os olhos, pronunciou o ensalmo, jogou o dente no telhado e pediu ao Mourão que o siso caísse e o velho solar não fosse demolido.

Doendo o dobro, a dor do siso lhe fez ver novas constelações cujas estrelas o agarraram pelo pescoço, pernas, cabelos, barba, boca e língua em espiral de gozo que a tudo animou e tornou possível.

Usando a porta de cedro como tapete voador, deslizou nos ares com suas sete amantes, enquanto fugia do fogão e da cristaleira que o perseguiam, como crianças, brincando de pega-pega.

As estrelas propuseram-lhe um esconderijo infalível e ensinaram-lhe um caminho que nenhum foguete usava para chegar à casa delas. Subiu por ele em uma velocidade maior do que a da luz, apesar das estrelas lhe pedirem com insistência que não o fizessem.

Colidiram frontalmente com um corpo celeste e a explosão foi vista a milhares de anos-luz do ponto de impacto. Elas dispersaram-se pelas galáxias. Ele foi tragado pela escuridão.

À deriva nos universos, foi deixado na praia de um imenso meteoro, pedaço de um antigo planeta há muito sem nome.

Contrariando a surdez do vácuo, o choro de uma criança lhe fez sair do torpor e ver, à luz dos intermitentes rastros de estrelas, um menino que estava de costas.

— Ei, oi, garoto, por que você está chorando?

- Por que você não deixa eu ir embora? Por que você é tão mau assim? Vá embora e me deixe ir.
- Mas eu não estou entendendo. Quem é você? Eu não sei onde estou. Como poderia prender você?
- É só você dizer que me deixa ir. Diga, diga.
- Tudo bem, mas antes você pode me dar um abraço?

No clarão de um cometa que passou, José Firme viu o rosto esquecido de um menino: o seu.

— Eu deixo você ir, eu deixo você ir, eu deixo, eu deixo....

Percorrendo a orbe daquele abraço, chegou em uma rua que tinha, como únicas luzes, velas que clareavam a entrada de uma casa, sem pingar lágrimas pela mulher que gemia e suplicava socorro em seu interior.

Apressado em socorrê-la, tomou uma delas e entrou. Embora forte, a chama só iluminava o espaço imediatamente à frente dos seus passos, sempre distantes daquela que queria acudir.

Exausto, sentou-se no chão que podia ver e pôs-se a chorar, o que o farol não conseguia, até o último pedaço de pavio.

Apagado e imerso, sentiu um impulso involuntário de abrir os pulmões e acender a chama dos olhos. Sua visão desenhou dimensões, formas e direções de um espaço frio onde homens de verde chamavam uma mulher de volta à vida.

Em um último esforço, as pupilas fatigadas dela miraram as dele em um sorriso de despedida.

- José, não tenha medo de soltar minha mão. Você pode voar sozinho.
 - Mamãe! Mamãe! Mamãe...
- Senhor José. Senhor José. Acalme-se. Acorde. Acorde.

Os olhos da assistente social Mariana adoçaram a sua queda no leito de hospital. Os músculos estavam fatigados e as escoriações só não ardiam mais do que a boca seca.

- O senhor está bem. Escapou da morte por um milagre.
- O que houve? Como vim parar aqui?
- O senhor saiu de sua casa antes que ela explodisse.
 - Como assim "explodisse"? Meu

Deus! Aquela casa é a minha vida, meu mundo! Para onde eu vou, moça?! Eu preferia ter morrido! Há quanto tempo estou aqui?

Nesta enfermaria, desde ontem.
 Na UTI, o senhor esteve por três meses.

Num choro tranquilo, Zé Firme passou pela memória todos os fatos que recordava e não encontrou nenhuma falha que pudesse ter causado a explosão. Não deixou eletrodomésticos ligados, fechou o registro do botijão depois do café e o armário onde Claudete guardava produtos de limpeza era arejado e distante do fogão.

Com a experiência de quem já cuidou de muitos casos de sobreviventes, Mariana respondeu-lhe:

- A polícia está investigando a explosão e até hoje não conseguiu encontrar as causas.
- E Claudete, minha empregada? O que houve com ela?
- No trabalho de buscas, só o senhor foi encontrado e no de recolhimento dos destroços nenhum corpo foi encontrado.

Antes que ele formulasse a próxima pergunta, ela o respondeu como se lesse pensamentos:

— Desde a explosão, uma seguradora tem cuidado de todas as suas despesas. Tudo o que restou da casa está neste envelope.

Do envelope pardo, com a logomarca da Seguradora Faraco e Firme, retirou uma foto da família e uma caixa de joias bem maior que aquela que segurava antes de apagar.

Seguindo o protocolo de entrega, a assistente social pediu que conferisse o conteúdo dela. Cumprindo a burocracia, abriu-a e, para o seu pasmo, o siso rachado de um adulto, a chave de um cofre e um pedacinho de papel enrolado repousavam em seu interior.

Desenrolando a tirinha de papel, semelhante aos recados de biscoitos chineses, leu estes dizeres: Gujaôa, pequeno Sabiá. É hora de retornar à grande casa das moscas.

Após a alta, José Firme viajou sozinho para a Quinta dos Reriú, terra de seus ancestrais. Em outra velha casa, mãe da que explodira, um cofre o aguardava com seus segredos.

Acústicos RELEVO: Grandes encontros para ideias medianas ou o contrário

Após o hiato de janeiro, de 2020 todo e da década de 1980, o mercado fonográfico brasileiro volta a dar sinais de reação, com direito a encontros fascinantes entre o rock e o pop, o samba e o fusion e o nóia e a pedra, sempre com uma pegada leve, domingueira, inofensiva como um roqueiro de 40 anos montado em uma motocicleta cara. O RelevO, instituição defensora da vacinação universal em alto-mar naqueles países que só atrapalham a vacinação, traz em primeira (de)mão as principais novidades do Spotify, do banquinho & violão e do futemax.live.

Noel Rosa por Noel Gallagher: ao vivo na Lapa com uma caipirinha

Dois dos maiores gênios da música mundial, sendo um deles condecorado por conta própria, unem os melhores estereótipos de dois gêneros musicais em um só mood: o samba (Noel) e a pose (o outro). Produzido por Liminha, o disco traz versões importantes especialmente para pessoas melancólicas com mais de 30 anos e com pouca vontade nata de viver. O álbum abre com o clássico 'Com que roupa eu vou?', em que Noel Gallagher, com um abacaxi na cabeça, experimenta tocar cuíca e termina por tomar uma surra de cuíca do irmão mais novo, contratado pelo RelevO. "Alguém precisava dar umas porrada nesse gringo xarope", defende-se o publisher, que complementa: "FORA DINIZ!". Segundo o crítico musical Richard Tamborim, as demais canções parecem 'Wonderwall'. Noel Rosa foi procurado para cantar Oasis, mas não respondeu porque está morto há 84 anos.

Pato Fu Fighters: The Noise

O dia finalmente chegou. Na base do pão de queijo e do pó com queijo,

essa união promete o disco mais inofensivo do mundo para 2021, estreitando os laços entre bundamoles brasileiros e americanos. O CD será comercializado junto a um vale-tatuagem, hambúrguer de costela com cheddar, duas mensalidades Netflix e cerveja amadora ("artesanal") vendida num Dave *Growler*, todos os requisitos básicos de um ser humano metropolitano igualmente básico.

Luis Suárez dubla Elza Soares: um *lipsync* e um cigarro

Com produção de Jô Soares e isenção fiscal de R.R. Soares, o famoso mordedor do futebol internacional mostra um talento musical pouco conhecido entre seus fãs. Com o swing de quem está acostumado a enfrentar desafios como o Alavés e o Celta de Vigo, Luizito mostra toda a malemolência do boleiro com muito dinheiro, tempo livre e nenhum respeito pelos mais velhos, tendo, inclusive, durante as gravações, chamado Elza Soares de "velha carcomida" e "catarro que canta", além de dizer que "Arrascaeta es mejor que Pelé". O destaque do acústico é a versão de Luizito para 'Luz vermelha', que agora se chama 'Cartão vermelho' e homenageia o futebol uruguaio.

Dj Marlboro apresenta 'Águas de maço'

Essa foi boa, hein, convenhamos.

Paralamas do Sucesso: Senna in Concert

Uma das melhores duas bandas dos anos 1980, os Paralamas do Sucesso retornam ao mercado com um disco potente, 421 cavalos, 51 kgfm de torque, 16 válvulas, 4,5 km por litro e freio ABS. Herbert Vianna e equipe interpretam as melhores ultrapassagens e vitórias de Ayrton Senna em versões low, full e torando o pau até o vizinho chamar a polícia. Com participações especiais de Cléber Machado, do mecânico Dinho e do ex-acelerado Nasi, o álbum, produzido por Vin Diesel e pelo Camaro amarelo, foi gravado em diversos circuitos do mundo, com destaque para a faixa 'Toma esse passão, alemão idiotão' e para duas multas em Mônaco. Patrocínio: Ferragens Rothbarth.

Aviões do Forró interpretam o filme *Incestion*

Já imaginou um áudio-movie que se passa no presente, no futuro e no passado e tem como protagonistas dois irmãos e uma irmã em um aceitável triângulo amoroso? Com alguns áudios cortados de um imitador de Matthew McConaughey e um encarte com os irmãos sentados no colo um do outro (porque são unidos e isso não tem nada de mais!), o destaque da versão acústica do filme Incestion é a caliente 'Vem pro ventre', proibida em alguns países mais recatados no espaço-tempo e em voos da Emirates (mas sucesso na França). Assim como o filme, o álbum reforça a importância da família em tempos de amor líquido.

Tributo a Linkin Park [24 horas]

Diversas redes de estacionamentos e vallets do Brasil homenageiam uma das bandas que mais deixam saudades entre os usuários de munhequeira de todo o Brasil. "Eu pego Toyota de playboy e carco meu pendrive com 'In the end' no dia que se celebra a morte de Chester Bennington", alega Edinho Sound, organizador do tributo e agora administrador de um estacionamento na frente do Anhembi. "Música boa é aquela que estaciona", define de modo enigmático logo após parar o carro em cima do fotógrafo do Jornal. "... It doesn't even matteeeeeerrrrr".

Alanis Lorenzetti: *live* in Águas de Lindóia

Depois de muita persistência, a Lorenzetti S.A. Indústrias Brasileiras Eletrometalúrgicas finalmente realiza o sonho de ter Alanis Morissette cantando a eficácia de seus clássicos chuveiros. 'Hands clean' passa a ser o *jingle* oficial da companhia, mas o destaque do acústico – todo cantado debaixo de "água corrente, quase potável" – vai mesmo para a nova versão de 'You Oughta Know', que alerta para os perigos de levar golpe na OLX. "Um arregaço de disco", definiu o poeta e fofoqueiro Leo Gonçalves Dias.

Bob Marley & Eu

Juntando latidos, antipulga, vermífugo de três em três meses e hotel *pet friendly*, a Royal Canin traz o primeiro acústico para cães. De 'No poodle, no cry' a 'Bulldog Soldier', a coletânea coloca cães de diversos credos, mas principalmente rastafaris, para latir de madrugada e avançar nas rodas de violão mais malcheirosas da praia de Superagui (PR).

ABBA na AABB

Se você pensou que os jogadores Alex e Ricardinho representam o ápice da Associação Atlética Banco do Brasil, se enganou! Em pleno ginásio, em pleno Jardim Social, em plena Curitiba, a AABB recebe um dos grupos mais influentes da história, que toca para pais alcoólatras de baixo funcionamento cuja maior esperança de futuro reside no sucesso de seus filhos no esporte bretão. Como bonus track, o álbum surpreende e traz ninguém menos que os restos mortais do AC/DC interpretando a desafiante 'ABC', do músico Pelé, ao som de uma uma tomada e um acendedor de cigarro.



ENCLAV3

A newsletter semanal do Jornal RelevO.
Assine e receba de graça em seu e-mail:
https://jornalrelevo.com/enclave

https://www.bbc.com/news/

magazine-24534069>

A DESCONHECIDA DO SENA

L'inconnue de la Seine ("a desconhecida do Sena") é um dos mais belos enigmas dos últimos tempos. Se você ainda não conhecia essa história, que envolve água, morte e beleza, certamente já viu, em algum momento da vida, o rosto da jovem misteriosa que se afogou no Rio Sena na década de 1880. Quando encontrada, causou muito alvoroço pela expressão anômala de satisfação que estampava seu rosto sem vida. Seu corpo foi exposto no morgue de Paris, para que alguém pudesse a identificar, criando uma espécie de espetáculo para os curiosos. Quanto a seu nome e procedência, no entanto, ninguém jamais soube responder.

Como não havia sinais de agressão física, acreditava-se que se tratava de suicídio. Um dos legistas ficou tão encantado com sua beleza que decidiu criar uma máscara utilizando um molde de seu rosto, o qual sorria como se soubesse os efeitos que causaria. Nunca foram esclarecidos quais poderiam ser seus motivos para tirar a própria vida, o que abriu espaço para muitas especulações e criações fictícias sobre sua história, principalmente as que envolviam alguma tragédia amorosa.

Suas feições, consideradas tão sublimemente enigmáticas quanto às de Mona Lisa, ganharam destaque na sociedade boêmia parisiense, um mistério perfeito para as exacerbações românticas e mórbidas da época – muitos autores e artistas possuíam uma cópia da máscara mortuária pendurada em suas paredes. Desde então, diversas obras

literárias foram escritas em referência à garota submersa, como *Ensaio Sobre Água e Sonhos*, de Gaston Bachelard; *Os cadernos de Malte Laurids Brigge*, de Rainer Maria Rilke, e o poema de Vladimir Nabokov, *L'inconnue de la Seine*.

Em 1958, Asmund Laerdal, norueguês fabricante de brinquedos e manequins, decidiu criar um boneco para que os socorristas pudessem praticar as técnicas de salvamento. O rosto da Desconhecida do Sena serviu de modelo para a criação do boneco, batizado de <u>Resusci Anne</u>, alterando apenas o misterioso sorriso para uma boca aberta.

Resusci Anne é utilizado até os dias atuais, sendo talvez a mulher mais "beijada" da história. "Annie, are you OK?" é perguntada por milhões de pessoas que, em cursos de salvamento e treinamentos de primeiros

socorros, performam manobras de reanimação

cardiorrespiratória.

[por Carolina Cotrim]

https://www.theguardian.com/world/2007/dec/01/france.art



Retratos Do Brasileiro Médio





Já esses quarenta e cinco graus de inclinação são obra de um sapato adaptado (e um CORE MONSTRO).

Major Tom: a improvável e frutífera amizade entre Antonio Carlos Jobim e David Bowie

Mateus Ribeirete

Nesta história alternativa, Tom Jobim sobrevive aos procedimentos médicos de 1994 e conhece David Bowie em 1997. O senso de humor afiado os une e tem como resultado dois discos. Ambos fazem, faziam ou teriam feito aniversário em janeiro.





Não havia qualquer indício de relação, afinidade ou consonância entre Tom Jobim e David Bowie, os maiores ícones musicais de seus respectivos países no século 20.

O brasileiro, 20 anos mais velho e sinônimo da sofisticação tropical, consagrou-se como a amálgama entre clássico e o popular – distinção que não aprovava – criada na retrotopia de um Rio de Janeiro perdido. Gravado por (e com) Stan Getz e Frank Sinatra, propagou-se mundialmente ao compor algumas das canções mais famosas do planeta. Alfinetou o *rock* algumas vezes, embora com seriedade questionável.

O inglês respondia a um universo bem mais urbano, multimidiático e barulhento, em que o *rock* era a divindade; e os festivais, o ritual. Mas ele foi muito além desses dois elementos, influenciando diretamente cinema, moda e gêneros musicais diretamente oriundos de suas experimentações. Ao contrário do brasileiro, era performático e irrequieto: adorava protagonizar grandes espetáculos.

Ambos, no entanto, eternizaramse de modo "anterior a fronteiras", como diria Carlos Drummond. E seus caminhos se cruzaram no Rio de Janeiro, em 1997, quando passaram a elencar algumas coisas em comum. A mais urgente, artérias obstruídas: Tom já havia sido submetido a uma angioplastia; Bowie logo enfrentaria a sua. "Minha segunda *angie* certamente será mais tranquila que a primeira", dizia aos risos o inglês na Churrascaria Plataforma, em referência à ex-mulher, Angie Barnett.

"Ali ele já falava inglês com sotaque carioca", jura Sérgio Cabral.

Àquela altura – estamos em julho de 1998 –, é inegável que David Bowie e sua esposa, a modelo Iman, já tinham abraçado o Rio. O *rockstar*, a quem Jobim se referia publicamente apenas como "o ET", veio ao Brasil pela segunda vez em 1997, então com 50 anos, na turnê do disco *Earthlings*.

Eternamente instigado, David Jones logo se interessou pelas homenagens ao aniversário de Tom, cujas marcas se espalhavam pela cidade inteira em janeiro de 1997, Jobim havia completado sete décadas de vida.
 Bowie então tomou a iniciativa de ir atrás do maestro soberano.

Com medo de perder seu compositor mais consagrado, o Brasil havia começado a valorizá-lo mais do que nunca. Também pudera: depois de ver a morte de perto, Jobim permanecia em um longo repouso em sua casa no bairro do Jardim Botânico, aquela "sob o sovaco de Cristo".

Desde a sequência de procedimentos médicos realizados para sobreviver às artérias entupidas, ao tumor na bexiga, à embolia pulmonar e à quase fatal parada cardíaca, em 1994, Antonio Carlos Jobim preferia a companhia das aves e dos sapos, seus vizinhos. "Está tão isolado da sociedade que voltou a conversar com o João Gilberto", relatou preocupado Zuza Homem de Mello.

"Parei de beber, parei de fumar e o Fluminense caiu, vou sair de casa pra quê?", lamuriava-se Jobim, em uma de suas cada vez mais raras entrevistas – algo inesperado para um sujeito famoso pela constante boa vontade com jornalistas que faziam as mesmas perguntas, mas esperavam diferentes respostas. Ele seguia se referindo à existência como "resto de vida" desde a morte de Vinicius de Moraes, em 1980.

Dramas publicados à parte, a verdade é que Tom aproveitava o retiro para se dedicar à pequena Maria Luiza, sua caçula, e ao já adolescente João Francisco, primogênito da segunda esposa, Ana Lontra Jobim. Conta-se que, por trás das bravatas de melancolia, Jobim permanecia o mesmo sujeito jovial, bem-humorado e curioso. Apenas menos social (e pesado, pois, em consequência dos novos hábitos alimentares e da atividade física, emagrecia gradativamente).

Nesse panorama, entra David Bowie. Antes dele, um músico japonês muito apegado ao Brasil, onde passava as férias em novembro de 1997.

Ryuichi Sakamoto já havia se consagrado com o grupo Yellow Magic Orchestra, pioneiro na música eletrônica mundial, quando conheceu David Bowie no set de Merry Christmas, Mr. Lawrence (1983), longa-metragem protagonizado por ambos. Dirigido por Nagisa Ōshima, o filme retrata as tensões de um campo japonês de prisioneiros de guerra – e dispõe de uma bela trilha sonora, assinada pelo próprio Sakamoto.

Foi ele, um erudito, vanguardista e grande fă de Tom Jobim, quem intermediou o encontro com David Bowie, com quem mantinha contato esporádico. O anfitrião não reservava grandes expectativas, mas os três e suas respectivas esposas se reuniram na casa do compositor brasileiro em 3 de novembro, um dia após o criador de Ziggy Stardust se apresentar no Citibank Hall, no Rio.

Não faltou assunto: neorrealismo italiano; expressionismo alemão; raízes de palavras; ecologia. O que os conectava era o humor mordaz. Tom Jobim sempre foi conhecido pelas observações sagazes e pela capacidade de contar histórias absurdas com enorme seriedade. Bowie, um *performer* nato, logo se identificou com as tiradas do brasileiro, que, fissurado por *double entendres*, testava trocadilhos em português, inglês, francês e, agora, japonês. Quando o europeu anunciou que amava a "Bosta Nova", conquistou seu anfitrião em definitivo.

Mas a grande virada de chave ocorreu quando David Bowie duvidou da capacidade de Tom Jobim de se comunicar com os pássaros – e, amigavelmente, desafiou-o a fazêlo. Os três se levantaram e foram ao jardim, onde Tom deu início a um ritual a que se habituara havia décadas: piar inhambu-anhangá, o popular chororão. O maestro chamou um macho, então uma fêmea, que passaram a interagir entre si. Regeu-os.

Aquilo, apesar de não tão raro para a geração do brasileiro, era surpreendente para um inglês tão indissociável da cultura urbana. "He's the man who rose from Earth", sussurrou consigo mesmo um estupefato Bowie. A consonância entre os astros — literais e simbólicos — não só mudaria para sempre o "resto de vida" de Antonio Carlos Jobim, mas também ressignificaria a trajetória do starman.

Bowie se foi para concluir a turnê no Chile e na Argentina, mas logo retornou. No final de janeiro de 1998, ele e Iman, que moravam em Nova York, já aterravam no Galeão. O que seria um mero fim de semana para celebrar o 71° aniversário de Tom se estendeu até o Carnaval. Sem queixas por parte do casal brasileiro, que fez questão de recebê-los "under Christ's armpit".

A partir daí, Bowie e Iman participaram mais ativamente do cotidiano boêmio do Rio de Janeiro, a ponto de, passadas algumas semanas, nada mais ser notícia para os repórteres (que, de início, acompanhavam cada passo do artista, algo similar à visita de Brigitte Bardot à cidade em 1964). Tom e Ana pouco a pouco davam as caras – porque o tiro feriu, mas não matou.

As principais reuniões começavam na Churrascaria Plataforma ou no Bar Garota de Ipanema (antigo Veloso), ainda na hora do almoço. Bowie, já de camisa clara e chapéu-panamá, referiase a Tom como "Antonio Carlos Choupin", em parte como provocação ao amigo, em parte para ver se alguém o corrigia.

Para surpresa de ninguém, David Bowie logo se tornou protagonista de rodas de samba, choro e jogo do bicho. Ele aprendia todos os instrumentos com assustadora facilidade – dos mais belos à cuíca. Encantado pela música brasileira, desistiu de gravar o álbum que se chamaria *Hours*, cujas demos se espalhariam pela internet anos depois.

Tom se tornou uma espécie de irmão mais velho de Bowie, cujo meio-irmão (também mais velho) havia tirado a própria vida em 1985. Por sua vez, Sakamoto se tornou o primo japonês que todo brasileiro acredita ter. Naturalmente, surgiam perguntas, indagações e apelos para que essa amizade se transferisse para a música.

Tão óbvio que parecia improvável, a verdade é que Bowie e Jobim estavam sim ensaiando. Sem qualquer pretensão, revezando-se entre o piano e o violão da casa do brasileiro, composições antigas e antigas se misturavam em noites incrivelmente abstêmias. Até que decidiram: gravariam um disco.

Como a bola estava quicando para ser chutada, eles jamais perderiam a chance de chamar o álbum de *Major Tom*, o astronauta criado por Bowie na canção 'Space Oddity' (1969) e esporadicamente mencionado em outras músicas.

Aproveitando a falta de vergonha de reciclar a si mesmo inerente a todo

grande artista (Tom vivia se referindo às suas regravações como "inéditas de sucesso"), os dois testavam: Jobim cantava Bowie, Bowie cantava Jobim, ambos cantavam juntos. Após um mês de testes, chegaram a uma lista final. Bowie e Iman voltaram a Nova York por uns meses, então o músico retornou sozinho em março de 1999, agora motivado pelo compromisso profissional de gravar.

E a gravação foi rápida. Na casa de Tom Jobim, novamente convertida em estúdio, apenas uma semana foi necessária para capturar 16 músicas, 12 das quais seriam finalizadas para o disco. Bowie retornaria a Nova York ainda em março, agora sem perspectiva de voltar ao Rio, mas manteria contato constante com Jobim.

Em julho de 1999, *Major Tom* já estava pronto, com produção de Ryuichi Sakamoto, arranjos de Eumir Deodato e participações de Jaques e Paula Morelenbaum, Paulo e Daniel Jobim, Paulo Braga, Tião Neto e Danilo Caymmi, todos integrantes da Banda Nova que acompanhava Tom. A crítica, sem saber o que esperar, estranhou. Isso imediatamente aliviou a dupla, cujo trabalho precisou de alguns anos para receber o devido valor.

Em Major Tom, com quatro faixas inéditas e oito regravações, destacamse uma completamente repensada 'A new career in a new town', do disco Low (1977); 'Station to station', do disco homônimo (1976); e novas versões para 'Estrada do sol' e 'Children's games' ('Chovendo na roseira'). Misturam-se as vozes, os gêneros, as línguas e os instrumentos num trabalho bastante inclassificável. Transformada em choro (e traduzida, com coro e tudo), 'Space oddity' é uma atração à parte.

A faixa final é por si só uma obra-prima difícil de ser descrita. Improvisando ao piano, Jobim contorna diversas passagens das carreiras de ambos os artistas — inclusive mesclando 'Pelas luz dos olhos teus' com 'Merry Christmas, Mr. Lawrence', de Sakamoto. Ao fim de seis minutos de transições imprevisíveis, esporadicamente acompanhadas pela banda — "ele parecia em transe", relata Deodato —, a voz de Bowie apresenta a inédita 'Sunday', que eclode num desfecho agitado, caótico.

Antonio Carlos Jobim e David

Bowie continuaram muito próximos, trocando telefonemas e, agora, e-mails. Bowie cobrava insistentemente, até que finalmente conseguiu tirar Jobim do Rio em 2002. Eles se encontraram em Nova York, onde Tom ainda tinha um apartamento. O brasileiro levou a família toda, e o filho João Francisco ali iniciaria uma longínqua amizade com o hoje diretor Duncan Jones, filho de Bowie.

Conversas, piadas e lembranças vinham e voltavam, mas os dois seguiam destinados a compor juntos. Afastados de qualquer pretensão, logo se viam atraídos ao piano, de onde saíram as dez músicas inéditas de *Sea* (2004), segundo e último álbum de Antonio Carlos Jobim e David Bowie, também produzido por Ryuichi Sakamoto.

Minimalista e agressivo, Sea se tornou um clássico instantâneo. Tudo no disco exala brilhantismo, trafegando de Debussy a John Coltrane com fluidez assustadora. Ambos assinaram a composição das músicas e das letras, e uma lista de músicos brasileiros, ingleses e americanos foi pinçada para participações especiais. Apenas Bowie e Jobim participam de todas as faixas.

Bowie, que já havia trafegado pelos mais diversos gêneros, abraçava o jazz experimental. Não poderia haver melhor condutor. O inglês tirou o brasileiro de sua zona de conforto; o maestro e regente exponenciou as qualidades do *performer*. Em 2004, na mesma cidade onde, 10 anos antes, havia permanecido morto por quatro minutos, Jobim, 77, emanava saúde e, como o Cristo Redentor, abraçava a vida a seu redor.

Entre 2005 e 2006, eles ainda manteriam uma turnê mundial contemplando os dois discos, mas Tom Jobim, já praticamente octogenário, passou a ter dificuldades de acompanhar o grupo e solicitou uma merecida aposentadoria.

Passados 17 anos, *Sea* não envelheceu absolutamente nada — tampouco o fará. A improvável amizade se manteve fraternal até a morte de Antonio Carlos Jobim, em 2011. Até hoje, são calorosas as referências de David Bowie, 74, ao maestro soberano, a quem credita por "ter me ensinado absolutamente tudo" — até piar inhambu, hábito que o inglês (de camisa clara e chapéu-panamá) mantém cada vez que visita o Rio.

Pauliceia Desvairada

gosto de olhar pela fresta da janela os casais caminhando pelo bairro. imagino seus primeiros beijos, o momento em que os olhares se encontraram pela primeira vez, as cartas nunca enviadas, o poder que é um sexo animal depois de uma garrafa de vinho inteira. nós dois costumávamos andar de mãos dadas quando atrasados pro trabalho ou indo ao cinema. até que um dia começamos apenas a segurar sacolas ou cigarros. quem será a pessoa que nos olhava pelas frestas? o que será que imaginava quando, silenciosos, escolhemos o caminho mais curto pro metrô? o que será que pensa o vizinho que via nossos corpos suados em êxtase e agora nos assiste caindo no sono no meio de um episódio da netflix? que mundo acontece entre frestas de janelas, as detentoras do passado e do presente e certamente ciganas do amanhã? hoje diabolicamente ri de uma mulher xingando o marido pela brochada da noite anterior e do homem que acusava a esposa de tê-lo traído com o padeiro. como observadora, sinto nas pernas o impulso louco de pular janelas. talvez seja a forma que encontrei de ansiar pela paixão. como vivente, quero tacar uma pedra em cada janela por que passo: a única possibilidade de transformar as mãos separadas ainda em luta por nós dois.





Flávio Sanso

Aos acouqueiros deveria sergarantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o acouqueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avancam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de animos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

Houdini, o caranguejo

Maria Luiza Artese

A comovente história real de um artista que superou a panela e alçou o caminho para a glória, desaparecendo misteriosamente depois de um único show

Conheci Houdini no dia em que estava programada sua morte. Isso não seria incomum para Houdini: nem para o humano e nem para o caranguejo. Era uma quinta-feira, dia fatídico onde centenas de seus semelhantes eram despejados em caldeirões de água para morrerem lentamente pela cocção. Antes de chegar na avenida, que atravessou de maneira muito humana, respeitando o sinal vermelho e a faixa de pedestres, Houdini, no entanto, conseguiu entregar a glória que eu esperava de um caranguejo livremente antropomorfizado por mim: escapou, de alguma maneira improvável, da panela de algum cozinheiro afobado com os pedidos que não paravam de chegar, desceu da bancada da cozinha, passou pelo salão sem que ninguém o notasse e começou a caminhada pela rua lotada.

Houdini não era um caranguejo extraordinário. Era o tipo comum que vemos morto nas tigelas dos grandes manjares praianos, com olhos e tudo, e cujas patas são desmembradas para que os turistas suguem sua carne. Ele não era um caranguejo azul ou verde, não era um caranguejo-fantasma, muito menos um caranguejo-violinista. Mas Houdini era um artista. Houdini era um artista da fuga.

Sua elegante mobilidade provava que ele não quebrara nenhuma patinha. Como uma motorista relativamente desapegada à cautela regrada dos pilotos mais exemplares, parei no sinal vermelho mais por um fascínio curioso do que por obediência cívica. Gritei "é um caranguejo!" e percebi, atordoada, que meu co-piloto o teria perdido. Pálido, mantendo

a compostura de um crustáceo civilizado, Houdini esticou suas garras de forma a se equilibrar na pequena queda do meio-fio, aterrisando com uma leveza surpreendente para alguém tão cascudo, e manteve-se rigorosamente na faixa de pedestres, o que parecia mais fácil para ele, que andava de lado. Um caranguejo, descobri depois, tem o tamanho médio de 9 cm quando está em idade madura, e isso dificultava a travessia. Enquanto discutíamos, meu copiloto e eu, sobre o fato de estarmos vendo um caranguejo atravessando a rua na faixa de pedestres no sinal vermelho, era evidente que Houdini tinha passos pequenos demais (ainda que, por nenhum minuto, ele tenha abandonado a compostura de quem não teme o que ainda falta caminhar — algo dificil para humanos) para conseguir chegar do outro lado a

Sempre achei que semáforos eram espécies de máquinas de tortura, mas, quando vi Houdini se apresentar, passei a achar vermelho uma cor muito bonita. Mais pessoas chegaram para o show, especificamente um grupo raro de humanos que pretendiam atravessar a rua pela faixa de pedestres. Sem se chocar com o extraordinário. Houdini continuou sua marcha apressada, excitado pelo ronco do motor dos carros. Uma das mulheres que acompanhava sua apresentação, emocionada e compadecida, chutou o artista pelo asfalto, mas a plateia, tensa, compreendeu que sua violência era resultado de um desejo ardente pelo sucesso de Houdini. Dentro do carro, um silêncio arregalado deu espaço a uma breve e acalorada discussão acerca

do que faríamos: deveríamos pegá-lo? Levá-lo até o mar? Meu co-piloto fez a brilhante observação de que os caranguejos, aqui, vêm dos mangues. Há muitos mangues em Fortaleza, a cidade com nome de prisão, mas, inebriados pelo show, esquecemos de todos. Naqueles longos segundos em que nenhum motorista deveria pisar no acelerador, chegamos a idealizar um lar artificial para Houdini: no box, talvez, e se dermos umas plantinhas...

Algo dentro de mim, no entanto, pensou que seria cruel encarcerar Houdini, uma força da natureza, no aquário apertado de um box de banho. Matar Houdini, que tinha escapado sozinho da famosa Quinta do Caranguejo, por não saber como cuidar de crustáceos antropomorfizados, me pareceu absurdo. Antes que pudéssemos decidir, de qualquer maneira, o sinal abriu: e Houdini chegara até o meio-fio. Demorei a dar a partida, porque vi que ele se dirigia a uma fossa. Uma vida nos esgotos não parecia digna de um artista tão grande. Pensei no Fantasma da Ópera, no Pinguim do Batman e num grupo de personagens de algum livro infantil do Zafón. Pensei que talvez no esgoto houvesse o suficiente para ele, que já vivera num lugar escuro e úmido, e sofri, secretamente, porque sabia que aquele caranguejo e seu destino me pareciam um pouco demais com uma metáfora deprimente sobre a condição da arte neste país. Naquele momento, Houdini me olhou e soubemos.

Ciente, no entanto, da minha humana pequeneza, segui e deixei que Houdini seguisse.

SANCTUS, SANCTUS

Maria Clara Aquino Damasceno

E se os olhos não eram limpos é que eles revelavam um corpo tenebroso. Raduan Nassar em *Lavoura Arcaica*

A porta da casa do pai é sagrada portanto, não saia do jardim ou convide nuvens para o interior da varanda. A mão do pai é sagrada portanto, não desvie os olhos de suas linhas proféticas.

A cadeira do pai à mesa é sagrada portanto, não desmembre as horas.

A cama do pai é sagrada portanto, não suje os seus lençóis.

Os meninos nasceram do braço direito As meninas de uma falha esquerda.

Sete covas rasas para cada uma das irmãs Mortas a punhaladas pelo pai

Avesso à música cigana que dançavam.



Fale outra língua, escute o mundo!

EX NAUSEAM

Algum Lucas

E, afinal, o que posso afirmar que sinto? Tanto lírica quanto empiricamente, náuseas. Acredito, porém, como Epíteto, que é o que se faz depois do fato o que importa. Ou seja, nossa reação. E apesar de ontologicamente reativos, os ensaios que escrevi até hoje se quiseram muito mais proponentes de um pensar novo do que de uma postura reativa. O que acontece é que agora eu sei: agora eu sei um limite do mundo, um limite da espécie.

Com o estar-no-mundo pandêmico, muito mais do que o despertar da solidariedade, houve a compra de armas, o súbito "desaparecimento" de conflitos políticos, o desespero viral, o trabalho sucateado. Temia-se a queda do império, mas é o nosso império capitalista a própria queda da democracia. Como apontado por Morozov[1], vive-se à sombra de uns tantos "Bigs": Big Pharma, Big Sugar, Big Oil, e, finalmente, Big Tech.

Agora, os motivos para assustar-se com a situação do mundano são tantas, a psicodeflação tamanha[2], que os cupons promocionais às vezes me fazem adoecer em vez de gerar impulso. Sempre que ouço brincarem com a situação do trabalho e com o conceito de que a empresa que mais contrata engenheiros no Brasil é a Uber, tenho náuseas. E não porque me compadeça imensamente dos motoristas ou tenha saudades de ouvir a palavra sindicato, mas porque comisero a minha própria situação sem saber ao certo se a minha hora vem logo — ou até mesmo se ela veio e já me ultrapassou.

O que fazer então? Como navegar um mundo que se viu, de repente, obrigado a, mais do que pensar, sentir um estar-no-mundo que a muitos já era vigente — um estar-no-mundo virtual, estar presente à distância? Os líderes e o neoliberalismo prometido falharam conosco, e hoje o que há pouco era motivo de antecipação, de sonho, devém motivo para frustração, pesadelo. A Black Friday, o natal

capitalista, assume caráter sinistro. Se para o empresário é obstado o sonho pelo tamanho do dólar, imagine como não é difícil ao trabalhador sonhar algo novo com o mesmo salário mínimo. E há quem viva bem com isso. Em Londrina, onde moro, em meio às motos que vão e vêm, vêm e vão, sem parar, sem direitos, nas ruínas de um empreendimento falido no bairro chique da vez, surgiu um novo: uma escola de esportes de praia. Em meio à pandemia e no inverno. Na primeira vez que vi, ri, com pena. Hoje, meses depois e com o negócio não somente prosperando, como também a se ampliar, tenho pena de mim, que soube ser inocente a ponto de achar que, dada a escolha, as pessoas optariam pelo caminho dificil, lutariam por mudança. É muito mais fácil treinar frescobol para a praia no final do ano... Podendo pagar, quem irá me impedir?

A maior empresa do mundo começa a produzir cultura, agenciar livros, fomentar plataforma audiovisual. Mas o que eu faço com isso? Mudo o mundo a comprar livros mais caros numa livraria? Pego por esta dúvida é que nasce a questão fundante deste ensaio: senti náuseas à beira do abismo do que pensava ser o mundo, ao olhar para ele e saber que poderia me ver, mas ele me ignora; o que fazer depois da náusea? O que eu faço com toda essa minha consciência?

No início, não posso negar — me desesperei. Como "escritor" (risos imberbes), recém-saído da casa do pai, comprando fogão e dando aulas precárias apesar de ter feito bacharelado, me senti verdadeiramente a caminho de algum lugar. "São as pedras no meu caminho", pensava. Narrativizava minha experiência para sentir como se o que fazia tivesse sentido na grande narrativa da minha vida. Tantos escritores fizeram isso e aquilo, e depois sofreram isso e aquilo, e foi só quando isso e aquilo que isso e aquilo...

blá blá. O fato é que narrativizar a precariedade da situação me fazia sentir justificado. Cheguei a fazer trabalhos de terceiro colegial a troco de cinquenta mangos. Quando recebi, só pude rir de mim, que invejava a desenvoltura e a coragem de um garoto de 16, com sonhos empreendedores, ao passo em que eu, com todas as minhas referências e meus ideais, pudera somente achar uns bicos, tinha medo de sair de casa, de me dizer escritor.

Hoje, em retrospecto, tenho medo de nunca mais me publicarem, de ter que voltar a virar noites revisando trabalhos de quem se forma sem saber citar "(NOME, DATA, p. xx)". Quantos psicólogos não ajudei a profanar o mercado de trabalho nos últimos tempos? Tenho certeza de que alguns se tornaram coaches, mas não tenho forças para investigar.

Sempre que recebo e-mails a respeito de concursos literários, me martirizo por ter recusado a publicação de um livro baseado em "ideais", de ter comprado um violão em vez de guardado para publicar um outro. O fato é que tenho medo. E além disso tenho ciência de que estou a pouco menos de um lustro dos trinta anos. Como já disse, sou imberbe. Sempre ganhei em trocados, salve esta ou aquela grande revisão. O medo que tenho não é de não me amarem, de discordarem de mim, de não ser isso ou aquilo. Tenho medo de ir ganhar dinheiro por uns anos e esquecer que o que eu sempre quis foi escrever. E então penso: mas que drama, hein? Consegui não ter que fazer entregas de bicicleta no início do ano — devia era estar grato, não é? Sim e não. Mas talvez?

O ponto é que, neste desespero todo, sempre buscava narrativizar o mal-estar, a ansiedade, o medo, de modo que me fossem similares, arquetípicos, convencionais. Nada, no mundo de hoje, pode ser menos ortodoxo do que ler poesia em jornais de papel. Daí o prazer da inadequação, daí as coleções de vinis

dos millenials. Sei quão tecnofóbico sou capaz de soar ao afirmar que dizer "espaco digital" é uma travestia da experiência humana real — mas as pessoas morosamente chegam à mesma conclusão quando optam pelo vinil, quando oscilam cada vez mais brutalmente da abulia à explosividade catártica de danças à la "bate, bate, bate — bate com a raba no chão." Afirmar "sou só capaz de atestar por aquilo que sinto" é pontuar o fato de que a nossa vida não se dá meramente no plano da consciência, e quanto menos letrados formos no que disser respeito a entender o que sentimos, mais suscetíveis estaremos às compulsões planejadas de plataformas digitais e novos apps, gadgets, trends.

Não prego, portanto, o abandono de tudo a troco de uma cabana na floresta, nem a queima de torres, corte de cabos — apenas me deparei com o meu preconceito: na arrogância de me pensar inteligente, racional, infinitas vezes me vi refém de argumentos sensoriais/ sentimentais, desde a banalidade de ir ao mercado com fome, às predisposições éticas e jurídicas de um juiz. Nada é puramente racional, da mesma maneira que nada é puramente econômico.

Perco tempo demais
a pensar que devia dizer algo profundo
quando a vida toda se faz,
na verdade,
em superfícies.

Era isso o que rabiscava em meu caderno nos primeiros meses do enclaustro. Meu emprego de roteirista de cursos on-line ia por água abaixo, eu lançava um podcast diferente de tudo o que eu planejava, só para não desistir do projeto, vendia tudo o que encontrava parado pela casa, voltava a aceitar formatações ABNT e me deparava com a mesma questão que há alguns anos já me incomodava: como é

que eu vou fazer isso da minha vida, se tudo o que vejo por aí vem do nada? Se tudo precisa vir de alguém, em vez de verdadeiramente ser alguma coisa. Gosto de ser só algum Lucas para que o foco seja sempre o texto. O problema é que, dadas as condições de hoje, muitos entenderam como se eu fizesse mistério, fosse tímido ou simplesmente me escondesse. Sou Lucas Sanches, 27 anos, Londrina, sei que todo texto tem seu eu-lírico/ poemático, gostaria de me opor ao que eu desumildemente chamo de abiogênese literária. A literatura do vazio que vem do nada. Uma ferramenta para agradar ao x e ao y, para simular o devir cultura pop, para falar de si como diverso sendo o reflexo do mesmo, qual

quer
po
ema
escrit
o ass
im só
p
q
sim

Escrever, e em especial poesia e ensaios, tem, para mim, caráter religioso. Vale muito mais o sentido que se atribui ao ato do que seu praquê ou sua causa. Não digo que os estilos de que fiz piada não tenham seus méritos nem possam fazer muito bem a quem os for ler ou twittar; somente me esforço para ser compreendido fora de seu escopo, na lente da vulnerabilidade, da negatividade do outro, como diz Byung-Chul Han[3]. Me interessam as filosofias de vida das pessoas, e é sobre isso que versamos, meus podcasts, meus textos e eu. No final — e no momento atual —, entretanto, nos vemos todos como Ivan Illitch à beira da morte, sob a mesma aflição universal. Idiossincrasias à parte, somos indivíduos, sou alguém, e somos todos afetados pelas condições em que nos encontramos ("Eu sou eu e minha circunstância", afirmava Ortega y Gasset), embora em graus distintos e em momentos diferentes. Com ou sem consciência, porém — e ora com likes, ora às náuseas —, jamais ilesos. O final deste ensaio trata cafonamente da arte de viver.

10. Intervenção: ARS VIVENDI

Como bom flusseriano — e como muitos já perceberam a esta altura —, não sou afeito à filosofia das respostas nem à poesia da relação. Se me perguntam em que acredito, respondo que duvido. Eu sei: jargão. O ponto é que, ao sair por aí entrevistando as pessoas a respeito de suas filosofias de vida e como se veem e se sentem vistas pelos outros, algo de muito substancial sempre vem à tona: ânsia por um outro que ouve.

As entrevistas que conduzo têm por função o fato de existirem. A cada um, independente do credo, o aspecto religioso da relação honesta entre dois seres humanos é inquestionável. As distâncias hoje são tamanhas que ser ouvido realmente, no sentido de em carne e osso, a falar de si, da própria experiência, por mais comum ou incomum que se possa ser, é uma espécie de ascese contemporânea. Ninguém se faz disposto a se importar para além do like, do share e de seja lá qual outro tipo de amar com cliques que se tenha inventado a essa altura. Além do medo, fico curioso a respeito de como serão as memórias de infância nas próximas décadas. Se a virtualidade será naturalmente assimilada na psique ou se a realidade sensorial faz realmente diferença no que se lembra. Os momentos em que se estava verdadeiramente presente, em carne e osso, sem filtros, prevalecerão? Ou serei só um homem de meia idade em crise, assustado com as mudanças, que nunca me resignei a aceitar, do mundo ao meu redor?

Afirmar, em prosa, que sou só capaz de atestar por aquilo que sinto, não tem o mesmo impacto que fazê-lo em verso, isto é fato. Mas por que não teria também o mesmo significado? Gostava que a ensaística lírica deviesse capaz de engendrar no raciocínio lógico, embasado, as latências da palavra poética, da metáfora. Que abrisse espaço para o vagar do pensamento, que se fizesse processo de relação entre interlocutores de referenciais distintos, mas que sentem o mesmo.

Com a explicitação do que chamei *videor ergo sum* e do ato de narrativizar a própria experiência, não implico o abandono da opinião do outro nem da interpretação da vida, mas busco, materialisticamente, o que resta de real

nas lacunas entre o vazio que se sente e a substância do que se deseja sentir.

Em tratando-se de ARS VIVENDI, cri adequado buscar nos aforismas de Schopenhauer uma de suas máximas: "Der Mensch kann zwar tun, was er will, aber er kann nicht wollen, was er will." Livremente: Pode-se fazer o que se deseja, mas não desejar o que se deseja. Daí, todos teremos desejos próprios, os quais definirão grande parte das nossas escolhas no decorrer da vida. Como dizia há pouco, tenho convicção de que posso muito bem ter medo, por desejar em demasia o que chamo de sossego. Mas os suicídios estão aí, as síndromes, os burnouts, as insatisfações, a decrepitude do intelecto, a psicodeflação.

Desde o início, luto contra a ideia de macular o ensaio com conselhos ou aforismos ou licões de vida. Portanto, fi-lo quase à maneira de manual, de guia dos processos de especulação do próprio estar-no-mundo e das vivências da famosa entidade: o outro. Por não fazer ciência, refiro-me a livros e conceitos que creio convirem a uma boa expansão das discussões propostas. Por fazer experiência, me utilizo de uma prosa poética lacunar quando convém que o filósofo se irrite e o poeta fique descontente. Grande toureiro, provocateur, não é? Ridículos à parte, me volto outra vez à literatura: Ivan Illitch, com sua almejada vida vazia, austera e decente; Riobaldo, com a ascese por meio da história narrada — e narrativizada -Hamlet, a perscrutar o próprio desejo fundante de ser ou não ser; e quiçá também Mersault, a suar na praia...

Na abordagem da vida, cabe fazêla como por sobre a arte: os valores ontológicos ao movimento são muitas vezes o que sustenta o "valor" de uma vanguarda, escolha ou estilização — o que, por outro lado, jamais será capaz de extirpar de um bom soneto o prazer rítmico da palavra e da rima.

O anseio pelo novo, aliado à máquina capitalista e à possibilidade da simulação da mente no virtual, faz com que não sejamos muitas vezes capazes de ver valor no que há de *real* e singelo. Há algumas décadas, virou projeto artístico e surreal a simples ideia de devir *simplesmente* feliz. De tempos em tempos, de crise em crash, de crash em craque de bolsa, legiões voltamse aos gurus da simplicidade, à abnegação

de Jesus Cristo e à ideia sucateada de uma comunidade (com ânsia de criá-la sempre do dia para a noite, com um *app* e ótimas #hashtags).

É neste ponto, então, que eu poderia muito bem oferecer uma solução como o fazer refeições olhando para a parede, o veganismo, a terapia, a vida na fazenda ou as milenares artes do jejum e da meditação. O fato é que pode muito bem haver leitores que carregam consigo o desejo fundante de serem, pura e simplesmente, famosos, por exemplo. Quem sou eu para dizer que são fúteis, quando, apesar de almejar exercer ferrenhamente o meu direito de ser deixado em paz, faço questão de escrever aos outros e de me abrir às suas críticas e indagações? O desejo é o desejo, e a respeito dele, uma vez observado, se pode falar com tons de certeza.

"'Descubra o que você deseja.', é só isso então?" Claro que não.

Do que me cabe dizer, por fim, a respeito de direções práticas a se tomar na vida do mundo atual, posso oferecer apenas três certezas e direções de valor:

- 1. A ontologia orientada ao objeto, como subsídio teórico para o estarno-mundo permeado de digitalismos, fascismos e *etwasismos*.
- 2. A poesia, como campo de contato com a palavra além da superfície.
- 3. A revisão de conceitos estóicos e cínicos, como a ataraxia, para dispor de ferramentas práticas contra a psicodeflação e a pletora de síndromes que nos cerca.

*

Como homem branco que passa os dias a ler, escrever e achar problemas no mundo, recomendo que, dada a oportunidade, quem este texto lê possa se permitir a ousadia de perguntar-se o que importa. Eu frequentemente sonho que discuto literatura com professores que tive pela vida. Sinto-me desprovido de interlocutores, desamparado. Pobrezinho de mim. Então, aquém da interlocução, distante do outro, que retumbe o mantra a germinar alguma ação: como você se sente?

^[1] MOROZOV, E. **Big Tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. Ubu, 2018.
[2] BERARDI, F. **Extremo**: crônicas da psicodeflação. Ubu, 2020.

^[3] HAN, B. Agonia do Eros. Vozes, 2017.

José Aguiar































LEIA UM TEXTO, ESCUTE UM PODCAST. Algumlucas.com

























zbsé Agriar

























Virginia Woolf

Trecho de Um Teto Todo Seu Tradução de Vera Ribeiro

Era impossível não brincar por um momento com a ideia do que teria acontecido se Charlotte Brontë tivesse possuído, digamos, trezentas libras por ano — mas a tola vendeu de uma vez todos os direitos autorais de seus romances por mil e quinhentas libras; — se, de algum modo, tivesse tido maior conhecimento do mundo agitado, das cidades e das regiões plenas de vida; mais experiência prática, intercâmbio com gente de seu tipo e relações com uma variedade de pessoas. Nessas palavras, ela coloca o dedo exatamente não apenas nos próprios defeitos como romancista, mas também nos de seu sexo naquela época. Ela sabia, e ninguém poderia saber melhor, quanto seu talento se teria beneficiado caso não se houvesse desperdiçado em visões solitárias para além de campos distantes, se lhe tivessem sido concedidos experiência, intercâmbio e viagens.